

O *Flâneur* das margens:

Dalcídio Jurandir, o narrador-observador amazônico

The *Flâneur* of the Margins:

Dalcídio Jurandir, The Amazon Observer-Narrator

João Sunymar Sanches Dias¹

Gerson Leite de Moraes²

Resumo: O artigo apresenta uma análise diante da terceira obra ficcional do Ciclo ExtremoNorte “*Três Casas e um Rio*” do jornalista e escritor modernista da Amazônia Dalcídio Jurandir (1909-1979) como um observador *flâneur* pelas perspectivas de Charles Baudelaire (1997) e Walter Benjamin (2000). Para isso, a leitura propõe estabelecer um olhar no conceito do sujeito fragmentado na cultura híbrida da pós-modernidade nos pensamentos de Stuart Hall (2005) e Homi K. Bhabha (2013), demonstrando por meio da literatura uma construção desses aspectos tanto sociais e culturais na região Amazônica durante o século XX, especificamente, no arquipélago da ilha do Marajó presentes na narrativa.

Palavras-chave: Interdisciplinar; Cultura e Sociedade; Pós-Modernidade; Literatura Amazônica

Abstract: This article presents an analysis of the third fictional work in the *Extreme North-Cycle* “*Três Casas e um Rio*”, by Dalcídio Jurandir (1909–1979), through, the lens of the *flâneur* as conceived by Charles Baudelaire (1997) and Walter Benjamin (2000). To this end, the study proposes to examine the concept of the fragmented subject in the hybrid culture of postmodernity thoughts of Stuart Hall (2005) and Homi K. Bhabha (2013), demonstrating like a literature construction of these social and cultural aspects in the Brazilian Amazon region during the 20th century, specifically in the Marajó Island featured in the narrative.

Keywords: Interdisciplinarity; Culture and Society, Postmodernity; Amazon Literature

¹ Mestrando em Educação, arte e história da cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPC. Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade da Amazônia – UNAMA. Graduado em Licenciatura Plena em Português-Inglês e suas Perspectivas Literárias pelo Centro Universitário – FIBRA. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5041169032268221> E-mail: jd.sunymar@gmail.com

² Doutor em Filosofia pela UNICAMP, Doutor em Ciências da Religião pela PUCSP. Mestre em Filosofia pela PUCCAMP. Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Bacharel e Licenciado em Filosofia pela USP; Licenciado em História pela UNAR. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5010089030033594>. E-mail: gerson.moraes@mackenzie.br.

1. Introdução: Uma Biografia

Segundo o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022, o arquipélago do Marajó possui uma população estimada em 557.220 pessoas. Com uma área de 40.100 km² e composto por 17 municípios, o local é considerado a maior ilha costeira do Brasil e o maior arquipélago fluviomarítimo do planeta.

É nesse território de rica biodiversidade e cultura pulsante que nasce Dalcídio Jurandir Ramos Pereira, em 10 de janeiro de 1909, na vila de Ponta de Pedras. De origem étnica miscigenada; filho de Alfredo Nascimento Pereira, descendente de portugueses, e de Margarida Ramos, mulher negra e filha de ex-escravizados, as obras de Dalcídio carregam as marcas da valorização e da contribuição dos diversos povos que compõem os saberes, as vivências e as tradições marajoaras.

Dentre as questões que perpassam as histórias de Dalcídio Jurandir, estão o vislumbre da Vila de Cachoeira do Arari, local para o qual se mudou quando tinha um ano de idade, além da constante exposição da relação homem-natureza e das contradições existentes na sociedade da ilha:

[...] a Vila de Cachoeira do Arari (que depois passa a ter o nome de Ariarúna), onde Dalcídio passa a infância e vivencia o movimento das águas, das enchentes do Marajó, fenômeno que aparecerá em sua futura narrativa. O chalé construído para a família, frontispício em alvenaria, com quatro janelas e laterais em madeira acapu, é testemunha das estiagens e das cheias. (NUNES; PEREIRA, R.; PEREIRA, S., 2006, p. 23).

A família de Dalcídio era muito grande, somente do casamento dos pais ele tinha os irmãos Flávio, Ritacínio, Terceolina, Alfredina, Maria de Nazaré e Cerdino (falecidos crianças). Já do relacionamento precedente de Seu Alfredo com Dona Antônia da Silva, indígena tapuia da aldeia de Mangabeira, havia os meios-irmãos Sofia Tautonila, Laudelina, Ambrosina, Raimundo, Octaviano e Rodolfo, o qual era gêmeo de Manuel -uma criança natimorta-, um parto tão sofrido que levou a mãe à morte. Apesar da família ser numerosa, a condição

financeira estava longe de ser ideal, pois imperava a pobreza. Ainda assim, a bibliografia do autor explicita a garra dos pais de Dalcídio em não negligenciar o valor da educação. Desde cedo, Dona Margarida e Seu Alfredo incentivaram os estudos do pequeno, sem dúvidas, sendo essenciais para que o filho buscasse experimentar mais do mundo que lia nas revistas e periódicos; além de desenvolver interesse pela escrita. Conforme Nunes, Pereira, R. e Pereira, S. (2006):

Dalcídio sofreu grande influência dos pais. Na infância, aprendeu as primeiras letras com a mãe e logo se tornou um frequentador dos livros de seu pai. Dona Margarida era parteira, tecelã de redes, muito generosa e querida pelas senhoras de Cachoeira. Senhor Alfredo, fora militar nomeado “Capitão Quartel Mestre do Comando Superior da Guarda Nacional” da comarca de Ponta de Pedras, em 1891. Em Cachoeira, além de secretário da intendência municipal, Alfredo advogava e era o tipógrafo, produzindo o jornal da vila *A Gazetinha*. (NUNES; PEREIRA, R.; PEREIRA, S., 2006, p. 24).

A luta por equidade de acesso à educação de qualidade e os demais ideais de combate à desigualdade e preconceito que marcaram a escrita e o posicionamento político de Dalcídio foram notadamente disseminados por seu pai, Seu Alfredo, um homem estudioso, que falava francês e detinha a admiração popular, principalmente por dirigir o Jornal “*A Gazetinha*”. Nesse veículo, eram evidenciadas em tom de denúncia todas as adversidades enfrentadas em Cachoeira do Arari, como a educação deficitária das crianças e a necessidade de mudança para Belém (PA), em busca de um aprendizado de qualidade.

Um exemplo vivo da disparidade social e da precária garantia do direito à educação no Marajó foi o próprio Dalcídio, jovem extremamente estudioso que se ressentia das escolas com infraestruturas debilitadas e teve de se mudar para a capital paraense em busca da valorização do seu potencial de escrita, pois lá havia um ambiente que comportasse suas necessidades estudantis.

Anos depois, Dalcídio escreveria “Chove nos campos de Cachoeira”, romance em que o personagem Alfredo, um menino, reflete sobre as crianças de Cachoeira que não estudam e sobre seus sonhos de ir para Belém. No romance “Belém do grão-pará”, o menino Alfredo, já em Belém, frequenta a escola, mas reflete sobre o porquê de seus amigos Andreza, Antônio e Libânia não “terem o direito” ao estudo. (NUNES; PEREIRA, R.; PEREIRA, S., 2006, p. 26).

O jovem e sonhador Dalcídio estudou na Escola Mista Estadual localizada na Vila de Cachoeira do Arari no ano de 1916 e, posteriormente, fez o curso primário do Professor Francisco Leão. Entretanto, suas expectativas em relação ao ensino não foram supridas; ele queria ir mais longe e descobrir muito mais do que era apresentado nas escolas que havia frequentado. Instigado por esse desejo, se mudou para Belém do Pará no ano de 1922 e ficou hospedado na casa de parentes, momento em que foi matriculado no terceiro ano elementar do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, no qual concluiu o curso primário em 1924. Por isso, aos 16 anos, inspirado por sua árdua trajetória enquanto um ribeirinho que almejava ter garantido o direito ao estudo, aliado ao seu alto potencial de escrita crítico-social, tornou-se diretor da revista belenense Nova Aurora:

Na capital, dá seus primeiros passos em direção a uma carreira jornalística e literária. Em 1925, aos 16 anos, é um dos diretores da revista Nova Aurora, mensal, artesanalmente produzida (toda a bico de pena), cujo redator era seu irmão Flaviano Ramos Pereira (que depois viria a ser jornalista em Belém) e ilustrador, o secretário desenhista Edgar Alves Ribeiro. (NUNES; PEREIRA, R.; PEREIRA, S., 2006, p. 29).

No final da vida escolar, em 1926, Dalcídio se matriculou no Ginásio da escola Paes de Carvalho, a qual detinha grande respeitabilidade e renome. Infelizmente, ele cancelou a matrícula em 1927, pois dificuldades financeiras de sua família impediram-no de concluir o segundo ano do antigo curso ginasial. Desse modo, após o impacto da abrupta interrupção escolar, o autor iniciou a busca por uma vida melhor, na qual tivesse recursos suficientes para estudar, escrever e publicar obras dando maior visibilidade às mazelas enfrentadas pela população pobre da região amazônica, em especial aos ribeirinhos, como ele. Portanto, motivado por ideais revolucionários, Dalcídio partiu rumo ao Rio de Janeiro (RJ), o centro de produção cultural e jornalística do país, com nada além do sonho de mudança de vida.

Diante dessa conjuntura, Dalcídio Jurandir torna-se um notável romancista da Amazônia, um homem de origem simples que encontrou na paixão pela escrita

uma forma de dar visibilidade à população ribeirinha, da qual fez parte, ao abordar pelo cunho crítico-social as desigualdades enfrentadas por esse povo, bem como apreciar suas singularidades culturais, mediante um modelo de efeméride das vivências hodiernas, ou seja, uma espécie de memorial diário.

2. Três Casas e Um Rio

Quando se fala sobre representatividade nortista, não se pode deixar de fora as obras de Dalcídio Jurandir, em especial os romances da série Extremo-Norte, devido ao vocabulário popular amazônico, bem como a cultura, imaginário, alimentação típica, diversidade étnica e religiosa desse povo historicamente marginalizado pela sociedade brasileira. Sabendo disso, de acordo com Assis (1992):

Ler os romances da série Extremo-Norte é conhecer a ilha do Marajó; é percorrer os bairros periféricos de Belém do Pará; é aprender a conviver com a saúde e a doença, com o branco e com o negro; com o pântano, com o alagado e com a terra firme; é habitar choupanas e chalés; é beber açaí; é tomar tacacá; é comer frutos variados; é comer peixes amazônicos diversos; é se banhar nos rios e igarapés; é ter medo do boto; é correr do carandiru; é acreditar em seres fantásticos; é descer ribanceiras; é remar e pilotar canoas, montarias, cascos, “gaiolas”; é dançar ao ar livre; é participar dos “serenos”; é compartilhar de mutirões; é tomar banho de cuia; é frequentar lugares sagrados e profanos; é se curar com a medicina caseira; é tomar banhos de cheiros; é imaginar outras formas de viver diferentes de que na cidade se possa imaginar (ASSIS, 1992, p. 4).

Consecutivamente, é válido ressaltar que Dalcídio sempre manteve o cunho crítico-social em suas obras, a exemplo de “Três Casas e um Rio”, defendeu a literatura como representação da realidade, não um mundo de fantasias escapista, pois considerava as expressões artísticas como constituintes da subjetividade humana, ou seja, representações fiéis do modo de pensar, de se posicionar politicamente, de sentir e agir; não havendo, então, sentido em distanciar a escrita do contexto real.

Dessa forma, em “*Três Casas e um Rio*”, é narrado na terceira pessoa do singular, o protagonista Alfredo, residente da ilha do Marajó, na cidade de Cachoeira do Arari, no século XX, enfrenta vários obstáculos junto a sua família.

Sua mãe é a doce D. Amélia, uma mulher negra, curandeira, inteligente e muito afetuosa. O seu pai, o importante Secretário da Intendência Municipal de Cachoeira, Adjunto do Promotor Público da Comarca e Conselheiro de Ensino, Alberto Coimbra, que raramente está presente na criação dos filhos, por estar ocupado com suas obrigações de trabalho, e Maria de Nazaré, ou simplesmente, Mariinha, a irmã mais nova e peralta.

Além deles, há personagens secundários de relevância na história, como Lucíola, a ex-babá de Alfredo, Edmundo, jovem rico da cidade, e Andreza, amiga de Alfredo. Além disso, na apresentação do livro, da edição da Pará.grafo Editora (2018), a doutora e pesquisadora Marlí Furtado pontua o ciclo temporal que Dalcídio quis apresentar na obra:

As casas, ligadas ao rio, nos remetem ao universo marajoara recriado por Dalcídio Jurandir em todo o ciclo. E a vila de Cachoeira, principal espaço do romance de estreia, reaparece neste, já no primeiro parágrafo. Nela, se desenrola o enredo que retoma a saga do menino Alfredo, iniciada naquele romance, na luta junto à família, para realizar o sonho de estudar em Belém. Até conseguir o intento, Alfredo passa por um longo processo de sofrimento e elabora travessias externas e internas. (FURTADO apud JURANDIR, 2018, p. 8)

Assim sendo, Alfredo é apresentado como um menino manhoso, porém estudioso, que carrega o sonho de morar na capital Belém do Pará para concluir os seus estudos. O tempo todo, surgem obstáculos que vão impedindo a concretização desse objetivo. Sua irmã, por ser mais nova, muitas das vezes, não consegue compreender a importância do desejo do irmão de morar em um lugar distante; enquanto D. Amélia sempre dá forças a essa vontade do filho. Desse modo, fica perceptível a dura realidade da comunidade marajoara devido às dificuldades relacionadas à entraves como a precariedade educacional, além do racismo estrutural, machismo, diferença de classes, os quais fomentam a temporalidade dessa obra Dalcidiana, bem como, é claro, o forte papel do autor em enaltecer a história, memória e as identidades amazônicas.

3. O Narrador-Observador da Amazônia

Charles Baudelaire tem um papel crucial para entender a arte moderna do século XIX. Atrelado às teorias da percepção pela estética (aesthesis), uma expressão grega muito utilizada pelo filósofo alemão Friedrich Hegel para compreender a percepção da ideia do belo sobre sensações e espaço da arte nesse período. Hegel (2001) diz que a estética é uma ciência que se ocupa do belo artístico, mas não é a do belo natural porque para ele o belo natural é um produto do espírito (Geist), ou seja, um produto do espírito que participa da verdade. E isso é superior ao que existe na natureza. “A Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável.” (BAUDELAIRE, 1999, p. 26)

Walter Benjamin dentro da obra do Baudelaire assimila o *flâneur* como o mais geral e diverso prazer do efêmero e das circunstâncias da vida. Sendo assim, ele busca algo do qual permitirá chamar de modernidade: o homem do mundo, nessa cidade urbana, frenética à procura de algo novo. É o que ele compara como um pintor de croqui, um desenhista, um cronista de costumes. Na visão de Charles Baudelaire isso é uma espécie de tipo ideal que personifica toda a modernidade artística que está nascendo a partir do lugar que se vive:

“Se quisermos tornar presente esse ritmo e investigar essa maneira de trabalhar, verificaremos que o *flâneur* de Baudelaire não é um autorretrato do poeta no grau que se poderia imaginar. Um traço importante do Baudelaire real - ou seja, daquele que se entrega à sua obra - não entrou nessa imagem. Trata-se da distração.” (BENJAMIN, 1989, 69)

Pensando dessa forma, no universo dalcidiano, há justamente a presença do real, do que a natureza pode oferecer no imaginário criado para o menino Alfredo. Tudo que está ambientado na história é compreendido por quem vive e conhece a Amazônia. Como um exímio escritor modernista dalcídio foge a contemplação do belo, por essa perspectiva, o interessante para ele é tentar ser o mais fiel ao que se vive na ilha, mesmo que sua história seja fictícia, ou seja, é a pura contemplação da mimese em sua mente:

Situada num teso entre os campos e o rio, a vila de Cachoeira, na Ilha de Marajó, vivia de primitiva criação de gado e da pesca, alguma caça, roçadinhos aqui e ali, porcos magros no manival miúdo e cobras no oco dos paus sabrecados. O rio estreito e raso no verão, transbordando nas grandes chuvas, levava canoas cheias de peixe no gelo e barcos de gado que as lanchas rebocavam até a foz ou em plena baía marajoara. (JURANDIR, 2018, p. 15)

Dalcídio é um intelectual marajoara miscigenado de pai português e mãe negra. Por isso, essa compreensão híbrida ocorre com muita frequência em sua obra. Para dialogar sobre identidade múltipla, o crítico Homi Bhabha possa ser o melhor teórico para entender a sociedade ética plural presente no contexto marajoara. Bhabha (2013) descreve a metáfora de Franz Fanon que é a reinterpretação da teoria da significação cultural. Segundo ele, Fanon fala da instabilidade produtiva da mudança cultural, ou seja, o condutor para uma identidade híbrida.

Stuart Hall (2014) fala que o “sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos”. Geralmente essas identidades não são unificadas por um tipo de “eu”. Ele afirma que dentro de cada pessoa há identidades que podem ser contraditórias e que uma identidade unificada, completa e segura é uma fantasia.

Assim, em paralelo com o romance modernista de Dalcídio Jurandir exhibe uma forma de racismo na população negra da ilha do Marajó. D. Amélia, mãe de Alfredo, mesmo casada com um homem branco importante para a sociedade, não pode participar das festas da alta classe social por causa de sua cor. Buscando uma alternativa, D. Amélia prepara a sua própria festa feita especialmente para as meninas mais pobres e de tom escuro:

Alfredo a princípio reagiu contra a festa, sobretudo temendo o que faria sua mãe. Andreza viu-lhe o ar casmurro, o alheamento aos preparativos, fez-lhe perguntas. Por fim, compreendendo, disse D. Amélia ia mostrar que as moças pobrezinhas, as moças de segunda, brancas sem serem brancas, morenas, mas sempre pretas e pretas de pele escura, podiam dançar num baile. Podiam dançar no chalé do Major Alberto sem deixar mancha nenhuma nas paredes. (JURANDIR, 2018, p. 454)

Nesse pequeno trecho, é apresentada a resposta de D. Amélia ao racismo e desigualdade social que as mulheres negras e pobres sofrem, na maioria das vezes, engendradas nas duas categorias, na história, ela se torna responsável em preparar um baile acolhedor para pessoas de todas as etnias e classes, rompendo com a segregação estrutural enraizada nas festas da região. Através da dor que D. Amélia sente todos os dias pelo comportamento racista e normalizado da época em Cachoeira do Arari. O baile no chalé de D. Amélia representaria um espaço de igualdade e, principalmente, revolta frente a essa estrutura social. Bhabha (2013) exemplifica a identidade cultural entre a pele negra e branca, sob ponto de vista de Fanon:

A autoridade individual social aflora em três condições em que ele afirma estar subjacente à compreensão no processo de identificação. O simples fato de existir faz correlação com a alteridade, sob tudo que está em sua volta ou a sua forma de pensar". (BHABHA, 2013, p.83)

O preto escravizado por sua inferioridade, o branco escravizado por sua superioridade, ambos se comportam de acordo com uma orientação neurótica". A demanda de Fanon por uma explicação psicanalista emerge das reflexões perversas da virtude civil nos atos alienantes do governo colonial: a visibilidade da mumificação cultural na ambição declarada do colonizador ou modernizar o nativo, que resulta em:

Instituições arcaicas inertes [que funcionam] sob a supervisão do opressor como uma caricatura de instituições anteriores férteis; a validade da violência na própria definição do espaço colonial das imagens febris, fantasmáticas, do ódio racial, que serão absorvidas e encenadas na sabedoria do ocidente (BHABHA, 2013, p. 82).

A grandeza social da alteridade impossibilita a conjuntura da subjetividade do "outro". Esse outro nos separa perenemente do nosso "eu". A alteridade enraizada em nossa identidade social, estabelecida em nosso convívio, provoca às vezes, um choque de conflitos e mudanças bruscas, que chega a provocar confusão. Dessa maneira, a alteridade composta de suas consequências altera a visão do outro visto ao mesmo tempo de suas diferenças em seu próximo. Não é à toa que Bhabha (2013) descreve os conflitos de identidade como diferença

cultural. “O desafio de ver o que é invisível, o olhar que constitui um referente problemático para a linguagem do Eu” (BHABHA, 2013, p. 88).

Desse modo, Dalcídio faz a sua observação desse mundo moderno, pensativo, reflexivo, e estético, para compreender sua dualidade híbrida. Na história não escondeu essa difícil realidade, mas também deixou a personagem negra D. Amélia de cabeça erguida sem se rebaixar para o racismo. “No flâneur, o desejo de ver festejar o seu triunfo. Ele pode concentrar-se na observação - disso resulta o detetive amador; pode se estagnar na estupefação.” (BENJAMIN, 1989. P. 69)

Por conseguinte, Dalcídio explora o sonho do menino Alfredo em estudar na capital Belém. A vida moderna da cidade de pedra no meio da Amazônia que viveu o apogeu da borracha. A luz elétrica. E os famosos bondinhos que criavam o charme da Belém do século XIX. Assim, na história, Alfredo chega na capital paraense de barco:

O barco seguia viagem. Alfredo, coração miudinho, não via ainda a cidade. O barco entrava por furos, rios, matas, era saudado por velhas casas, coqueiros e trapiches. Num barranco, em pleno tempo, Nossa Senhora da Boa Viagem lhe dava bons-dias. Os navegantes contavam lendas da santa. Tinha a face voltada para a baía. Nunca permitia que a levassem para uma igreja. Preferia ficar ali no rude barranco, batido de vento, olhando a navegação. Alfredo ouviu a mãe contar a lenda. A imagem, branca sobre o barranco escuro, parecia acenar-lhe. Diante dela, a baía, os caminhos do oceano, os ninhos da trovoada. [...] Lembrou, com desapontamento, que o barco teria de ir antes ao Curro levar a pobre carga das oito vacas tão ali pobrezinhas, como restos de um rebanho perdido num naufrágio. Mas respirava o ar da manhã, ar da cidade, sinos, apitos, bondes, buzinas, campainhas do colégio. Avenida Gentil Bittencourt, cento e sessenta. O cheiro de Belém era mesmo aquele que parecia sufocá-lo? A mãe lhe sorria, quieta como a fidelidade. Alfredo tocou-lhe o ombro e nele inclinou o rosto. Ah, se a sua querida mãe voltasse a sorrir como agora sorria, tranquila como estava naquela manhã da chegada a Belém. (JURANDIR, 2018, p. 474)

Diante dessa sociedade em constante transformação, Charles Baudelaire quis comparar o artista observador que busca o novo, o *flâneur*, está em constante observação e nesse caso, sob a ótica que ele chama de inebriada. Nesse contexto, por coincidência, por meio de um comportamento de uma criança; como o protagonista Alfredo chegando em Belém:

A criança vê tudo como novidade; ela sempre está inebriada. Nada se parece tanto como o que chamamos inspiração quanto a alegria com que a criança absorve a forma e cor. Ousaria ir mais longe: afirmo que a inspiração tem alguma relação com a congestão, e que todo pensamento é sublime é acompanhado de um estremecimento nervoso, mais ou menos intenso, que repercute até no cerebelo. O homem de gênio tem nervos sólidos; na criança, eles são fracos. (BAUDELAIRE, 1999, p. 19)

Em síntese, Walter Benjamin (2000), a partir da perspectiva de Charles Baudelaire, observa a imagem do artista como um herói. “O herói é um verdadeiro objeto da modernidade. Isso significa que, para viver a modernidade, é preciso uma constituição heroica.” (BENJAMIN, 2000, p. 73). No universo dalcidiano, é possível identificar Alfredo nesse lugar simbólico de herói. Ele representa a contemplação do moderno: uma figura inquieta, que sonha grande. Mesmo sendo apenas uma criança, Alfredo é o observador de sua própria história.

É pelo olhar de Alfredo que o romance é narrado. É por meio de sua percepção que o leitor compreende que sua vida não se resume à ilha do Marajó. Ele almeja alcançar a cidade grande, deseja transformar a realidade da sua família e acompanhar os movimentos da modernidade tudo aquilo que o mundo pode oferecer. Nesse sentido, Benjamin (2000) também observa:

A maioria dos poetas que se ocupam de temas realmente modernos contentaram-se com temas conhecidos e oficiais — esses poetas ocuparam-se de nossas vitórias e de nosso heroísmo político. Mesmo assim fazem-no de mau grado e só porque o governo ordena e lhes paga os honorários. E, no entanto, há temas da vida privada bem mais heroicos. (BENJAMIN, 2000, p. 77).

A jornada de Alfredo, marcada por inquietações e desejos de superação, reflete justamente esse heroísmo cotidiano, íntimo e silencioso: o herói moderno da periferia amazônica que, por meio da literatura, torna-se símbolo de resistência, memória e esperança.

4. Conclusão

O conceito de *flâneur*, formulado por Charles Baudelaire e posteriormente aprofundado por Walter Benjamin, refere-se à experiência estética da modernidade: trata-se do observador atento que perambula pelas cidades, captando suas atmosferas, personagens e contradições. A partir desse viés, do ser errante e sensível, é possível pensar na escrita de Dalcídio Jurandir como a de um observador do mundo, um *flâneur* marginal amazônico, que assume a figura de um intérprete por meio do olhar de um menino chamado Alfredo que vive em um território gigantesco e periférico, em constante tensão entre a natureza da vila de Cachoeira do Arari e a cidade moderna da capital paraense.

A obra “*Três casas e um rio*” articula a realidade ficcional e o imaginário popular amazônico sob a perspectiva desse olhar observador, entre simbologias do mítico, do arquetípico e do esotérico. Por meio dessas nuances, o romancista constrói uma narrativa que percorre os espaços com escuta atenta, registrando fragmentos do cotidiano da ilha do Marajó e criando laços afetivos com um lugar ao mesmo tempo paradisíaco e desprovido de recursos econômicos. Dalcídio se revela um artista marginal e *flâneur* por excelência ao retratar, por meio de suas observações, a realidade do povo amazônico. Sua *flânerie* é periférica, literária e profundamente política, ao criar um espaço de resistência e memória.

Dalcídio Jurandir convida o leitor a conhecer e compreender o que é a ilha do Marajó. Embora se trate de uma obra de ficção, é comum que os leitores do autor, ao visitarem a cidade de Cachoeira do Arari, sintam a presença de Alfredo como se o personagem realmente tivesse existido, produzindo uma reflexão íntima sobre os dilemas familiares retratados no romance. Desse modo, posso compreender que até mesmo o leitor se torna um observador, um *flâneur* desse universo literário.

A arte moderna no Brasil teve grande importância e se consolidou como um movimento que acendeu uma faísca cultural em todo o território nacional, de norte ao Sul. Esse contexto moderno de uma sociedade híbrida como a da ilha do Marajó está presente no romance de Dalcídio Jurandir, sem que haja uma ruptura entre tradição e modernidade. O romancista amazônico optou por narrar

as ruínas do ciclo econômico da borracha, a tragédia dos imigrantes que perderam suas vidas nos seringais e o retorno de muitos à terra natal em condições ainda mais precárias. O *flâneur* amazônico de Dalcídio dialoga com a vida do homem pobre da região, desprovido de perspectiva e entregue à própria sorte.

Na ilha do Marajó, especialmente na cidade de Cachoeira do Arari, o espaço retratado é pacato e marcado pela pobreza. O tucumã, fruta típica da região, é elemento constante nesse universo. Dona Amélia, mãe de Alfredo, pode ser compreendida como traços reais da própria mãe do Dalcídio, porque assim como na personagem ela detém dos saberes tradicionais e conhece as propriedades curativas das plantas, um conhecimento herdado dos povos originários e tradicionais da região.

Em contraste, encontra-se a cidade de Belém, com sua arquitetura influenciada pelo estilo francês, o consumo de música erudita no Teatro da Paz, a moda europeia e as oportunidades de estudo e ascensão daquela época faz essa dualidade entre o moderno e o tradicional parecer coexistir harmonicamente através da observação sensível do narrador em seu mundo.

Referências Bibliográficas:

ASSIS, Rosa Maria Coelho de. **O Vocabulário Popular em Dalcídio Jurandir**. ed. BELÉM: UFPA, 1992. v. I. 208p.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna**. 1. Ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1997.

BEJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo** 3. Re. São Paulo Editora Brasiliense, 2000.

BHABHA, Homi k. **O Local da Cultura**. 4. Re. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, 10. Ed. Rio de Janeiro. Editora DP&A, 2005.

HEGEL, G.W.F. **Cursos de Estética**: Volume 1. 2. Ed. São Paulo. Editora Edusp, 2001

IBGE **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. acesso em: 20.05.2025.

JURANDIR, Dalcídio. **Três Casas e Um Rio**. 4. ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2018.

NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy e REOLON-PEREIRA, Soraia (orgs). **Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia**. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.